



Marcos, o Evangelho do espanto e da fé difícil

O EVANGELHO DE MARCOS fornece a maior parte dos textos dos Evangelhos nas Eucaristias dominicais do ciclo B do ano litúrgico.

Mas, uma vez que a leitura litúrgica não é ainda uma leitura pessoal direta do texto bíblico, é necessário que os crentes usem o esforço e a alegria de uma leitura direta, pessoal e comunitária dos textos bíblicos, para chegarem a usufruir sobretudo dos frutos espirituais que a Palavra de Deus produz.

Além disso, a proclamação litúrgica é dominada pelo critério da extensão e da seleção dos excertos, de modo que já não há o contacto com o texto completo do Evangelho, mas apenas com perícopes, isto é, com fragmentos mais ou menos extensos. Assim, a perspetiva litúrgica do Evangelho deve ser completada com a leitura contínua do próprio texto.

Os Evangelhos – e o de Marcos não é certamente exceção – são *narrações* (*diegesis, narratio*: Lc 1,1) e, como tal, são lidas na sua unidade, seguindo o desenrolar do relato e deixando-se levar pela mão da narração: só com uma leitura atenta à sua dimensão literária de narrativas elas revelarão, mesmo completamente, a sua mensagem religiosa. E, se toda a narração é narração de uma história, o que é contado nos Evangelhos é a «história de Jesus». Com efeito, a fé bíblica, que crê num Deus que se manifesta na história e na companhia dos homens, exprime-se na narração. A Bíblia diz Deus não formulando abstratos princípios teológicos ou filosóficos, mas contando uma história, ou melhor, uma história de histórias. Impossível de definir, o Deus bíblico é, no entanto, possível de contar. E os Evangelhos, que veem em Jesus de Nazaré a humanidade de Deus, aquele que na sua existência narrou Deus, não

podem senão ter a forma de narração. Jesus, o não-teólogo, é o narrador de Deus, aquele que faz disso uma exegese viva, com as suas palavras e a sua prática de humanidade.

<p>Para Marcos, a chave da abóbada da revelação do rosto de Deus, feita por Jesus, é a cruz. E a narração evangélica mostra sempre que Deus se manifesta na humanidade de Jesus, apreendida também na sua fraqueza e vulnerabilidade</p>

Mas, se Jesus é o narrador de Deus («A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito [...] foi quem o deu a conhecer [*exegesato*]»: Jo 1,18), Ele é também o *narrador narrado* por aquelas narrações escritas que são os Evangelhos. Portanto, Jesus, aquele que narrava Deus oralmente e existencialmente, foi transposto para a narração escrita. Jesus não escreveu nada e, depois da sua morte, outros escreveram sobre Ele, transmitiram a sua recordação através do trabalho narrativo, através da sua escritura, que não só era sempre acompanhada pela oralidade da pregação e do anúncio, mas era e é ainda hoje destinada a tornar-se novamente oralidade, palavra falada e testemunho existencial.

Algumas notas acerca do Evangelho de Marcos, no seu todo, são, por isso, importantes, para ajudar o leitor a melhor situar as «perícopes» litúrgicas e, sobretudo, para convidar o próprio leitor a abordar o segundo Evangelho na sua unidade, completando assim a perspetiva litúrgica.

A estrutura do segundo Evangelho é iniciática e desenvolve-se em duas etapas essenciais do *conhecimento* e do

seguimento: a uma primeira parte centrada na identidade de Jesus e atravessada pela pergunta «Quem é Jesus?» (Mc 1,14-8,26) segue-se a segunda que versa sobre o seguimento e que responde à pergunta «Como seguir Jesus?» (Mc 9,14-16,8). Se Mc 1,1-13 constitui o prólogo do Evangelho e Mc 16,9-20 representa o seu apêndice (acrescentado provavelmente no século II para atenuar o aspeto escandaloso, incompleto, do final original, deliberadamente reticente e sem relatos de aparições do Ressuscitado), a parte central (Mc 8,27-9,13) funde os dois temas da identidade de Jesus (8,27: «Quem dizem as pessoas que Eu sou?») e do seu seguimento (8,34: «Se alguém quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me»). Ela mostra o inextricável entrelaçado de cruz e glória: Jesus é o Filho do homem que tem de sofrer e ser condenado à morte (8,31; 9,12), mas também ressuscitar (8,31; 9,9.10) e manifestar-se na glória (9,1-9), e pede ao discípulo um envolvimento radical (8,34-9,1). *Jesus, o Cristo, o Senhor, conhece-se seguindo-o.*

**As permanentes rápidas
deslocações de Jesus significam
um Cristo que vai à frente, que
está sempre a caminho, sempre
a partir de novo, a ir-se embora,
em suma, escapa a ser presa
das pessoas: está fora do
alcance humano**

Para Marcos, a chave da abóbada da revelação do rosto de Deus, feita por Jesus, é a cruz. E a narração evangélica mostra sempre que Deus se manifesta na humanidade de Jesus, apreendida também na sua fraqueza e vulnerabilidade. No

cerne do segundo Evangelho está o *paradoxo* de que o poder de Deus se manifesta na fraqueza de Jesus, evidente ao máximo na cruz.

O paradoxo de que Jesus é portador exprime-se na reação de espanto que muitas vezes domina os que o encontram. Poderemos falar de uma cristologia do espanto em todo o Evangelho de Marcos. Onde o espanto é a abertura da própria vulnerabilidade à luz, mas igualmente aos choques que o encontro com a pessoa de Jesus provoca. O paradoxo habita também a vida espiritual do discípulo, como mostra a expressão, quase um oxímoro, do pai do rapaz epilético: «Eu creio, ajuda a minha pouca fé» (Mc 9,24). Marcos é *o Evangelho da fé difícil*, uma fé que é acompanhada de interrogações, uma fé que não é totalitária, não é luz deslumbrante, mas continua a conviver com a obscuridade da dúvida e da não-fé. Sendo assim, não admira que o leitor que a narração de Marcos tende a criar é um *leitor surpreendido*, um leitor que se esforça a «ir atrás» das contínuas, improvisadas, rápidas deslocações geográficas de Jesus (contam-se pelo menos cinquenta e quatro mudanças de lugar, por parte de Jesus, nos primeiros dez capítulos); um leitor que deve enfrentar uma narração segmentada e premente, formada pela sucessão de pequenas unidades narrativas (parábolas, diálogos, curas, encontros), a um ritmo que retira o fôlego.

As perguntas sobre a identidade de Jesus e sobre como segui-lo encontram o seu complemento na pergunta ulterior: «Onde está Jesus?» E Jesus encontra-se onde não seria de esperar: no meio daqueles que se deixam mergulhar por João no Jordão, confessando os seus pecados (Mc 1,5), à mesa com pecadores e publicanos (Mc

2,15), na cruz entre dois malfeitores (Mc 15,27).

As permanentes rápidas deslocções de Jesus significam um Cristo que vai à frente, que está sempre a caminho, sempre a partir de novo, a ir-se embora, em suma, escapa a ser presa das pessoas: está fora do alcance humano. Jesus, observa com finura Daniel Marguerat, «não escapa tanto aos discípulos como, continuamente, ao próprio leitor, passando rapidamente de um lado para outro, enquanto a questão da sua identidade se vai reabrindo, ao mesmo tempo que a mantém por enquanto fechada».

Jesus não se deixa prender, e isso é sublinhado também pela constante imposição do silêncio acerca da sua identidade: Jesus manda calar quem pudesse revelar a sua identidade. São os demónios que a proclamam, sendo, porém, silenciados por Jesus (Mc 3,11s). Ou melhor, é diabólica a confissão de fé desligada do seguimento até ao fim, até à cruz, quando o segredo messiânico finalmente é revelado. Mas, mesmo na cruz, Jesus adianta-se e surpreende: o centurião confessa-o «Filho de Deus» quando Jesus já está morto («Vendo-o expirar daquele modo, o centurião disse: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!”»): Mc 15,39).

O género literário «evangelho» tem início com Marcos: deste modo, a novidade cristã exprime-se também literariamente. Ora, o evangelho é género literário que leva ao empenhamento do leitor, à sua decisão de fé e ao seu testemunho existencial
--

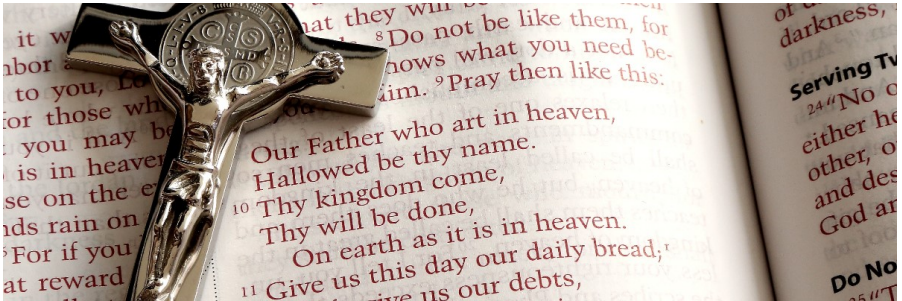
Diante do túmulo vazio as mulheres descobrem com espanto que Jesus não está ali, mas precede os discípulos na Galileia (Mc 16,7). «O Jesus de Marcos subtrai-se às personagens do Evangelho, mesmo para além do túmulo. Mas este subtrair-se é metáfora de uma alteridade, de um outro lugar, de uma outra terra para onde o leitor é convocado para ver o Vivente» 8. O final do Evangelho remete para o princípio, para a Galileia de onde Jesus provinha e onde iniciara o seu ministério público (Mc 1,9.14). É esse, com efeito, o anúncio às mulheres no sepulcro: «Ide e dizei aos seus discípulos e a Pedro: “Ele precede-vos na Galileia. Lá o vereis, como vos disse.”» Para o leitor, isto significa que, acabando de ler o Evangelho, deve voltar ao princípio e recomeçar. À leitura deve seguir-se a releitura.

O género literário «evangelho» tem início com Marcos: deste modo, a novidade cristã exprime-se também literariamente. Ora, o evangelho é género literário que leva ao empenhamento do leitor, à sua decisão de fé e ao seu testemunho existencial. O primitivo final «escandaloso» do Evangelho de Marcos («As mulheres saíram, fugindo do sepulcro, pois estavam a tremer e fora de si. E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo»: Mc 16,8) abre o Evangelho ao leitor, pedindo-lhe que ele mesmo anuncie a ressurreição, que «substitua» as mulheres que, segundo o texto, não teriam dito nada a ninguém. A página do Evangelho passa assim para a vida do crente, torna-se vida. E o crente torna-se ele próprio narração do Evangelho, torna-se Evangelho vivo.

LUCIANO MANICARDI

In Comentário à liturgia dominical e festiva – Ano B,
ed. Paulinas Imagem: "S. Marcos" (det.) | Guido Reni |
1621 | Publicado em 11.12.2020

As reflexões de **WALTER KASPER** – cardeal alemão de oitenta e sete anos, teólogo muito conhecido e apreciado, com uma brilhante carreira acadêmica e presidente emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e para as relações religiosas com o judaísmo – caracterizam-se pela sua clareza, simplicidade e profundidade de sensibilidade humana e teológica.



O pai-nosso, segundo Walter Kasper

O comentário é de **ROBERTO MELA**, teólogo e professor da Faculdade Teológica da Sicília, em artigo publicado por *Settimana News*, 14-11-2020.

Os discípulos viram Jesus a rezar e pediram-lhe que os ensinasse a fazer o mesmo. Se Jesus rezou, isso significa que a oração não é uma renúncia à dignidade humana, mas sim o exercício de uma faculdade espiritual que toca as raízes do ser, que, para os cristãos, é um Deus Pai onipotente no amor.

Kasper comenta, brevemente, os seis pedidos do pai-nosso presentes no **Evangelho de Mateus**, no centro do **Sermão da Montanha**.

Embora escrita em grego, a oração de Jesus também circulou nas comunidades em língua aramaica original, mas as diferenças não

foram a tal ponto sentidas que obrigassem a recusar a versão grega.

O pai-nosso está fortemente enraizado na oração judaica e bíblica em geral. É um discurso a Deus e com Deus, uma forma de doxologia, em que o ser humano reconhece a sua própria dignidade de filho de Deus e, ao mesmo tempo, a condição de oprimido pelas dificuldades mortais com que a vida quotidiana oprime o seu caminho.

Kasper dá a conhecer ao leitor a longa história dos efeitos conhecidos do pai-nosso e que, portanto, essa oração deve ser compreendida com a linguagem e a sensibilidade de hoje.

Três pedidos essenciais

Os três primeiros pedidos vão ao essencial. O **discípulo** não reza como uma criança pequena, mas, com a invocação “*abba*”, dirige-se, com respeito, a uma pessoa em quem **confia**, que reconhece como fonte de vida, de paternidade que guarda, ama, protege e dá vida (embora um certo número de pessoas, do nosso tempo, possam ter, ou tivessem tido, uma experiência muito negativa do próprio pai...).

Como *münding* (maiores de idade), abrimos a boca (*Mund*) com plena liberdade para nos dirigirmos com confiança ao Pai fonte de vida, de luz, de força e de fraternidade. Deus é pai de todos, e, portanto, todos são filhos e irmãos entre si. *Fratelli tutti* é o título da última encíclica do papa Francisco. A pessoa orante reconhece a alteridade de Deus, em relação a todas as realidades mundanas (“estais no céu”).

Com a Bíblia e o Novo Testamento, o fiel aprendeu que **Deus é Pai** sobretudo de Jesus Cristo, seu Filho. O seu modo de ser Pai ilumina os vários tipos de paternidades que existem no mundo, desmascarando aquelas que abusam do seu papel para infligir submissão e escravidão. O Deus Pai dos cristãos é um Deus revolucionário, que ama e protege, preferencialmente, os pequenos e os pobres que nele confiam.

O nome identifica as pessoas, a sua identidade profunda. O nome “YHWH” qualifica o Deus da Bíblia como um Deus de amor, presente para salvar, em plena liberdade de modos e de tempos. Permanece incapturável e não manipulável. O seu nome não pode ser pronunciado em vão, mas santificado, isto é, reconhecido como totalmente outro,

em relação à realidade mundana.

O **fiel reza** para que esse nome seja reconhecido como aquilo que é, por todos. Um nome que, a partir dos testemunhos bíblicos, assegura presença, salvação, amor fiel, unidade entre os fiéis e na própria criação. O pedido é expresso no passivo, um *passivum divinum*. O ser humano deve honrar a Deus, mas somente Ele pode fazer com que o seu nome seja aceite por todos na terra e no céu.

Embora o conceito de reino permaneça mais ou menos estranho à concepção moderna, ele desempenha um papel central na Bíblia. Jesus anuncia a realeza de Deus que se aproxima até tocar o mundo dos homens e mulheres. Anuncia-o com a palavra, torna-o visível com os prodígios, tenta ilustrar a sua natureza com parábolas muito eficazes.

O **reino de Deus** não é de tipo político, mas um reino de vida, paz, amor, justiça, fraternidade. Conjugase com os frutos do Espírito referidos na **Carta aos Gálatas**. É uma realeza que se instaura, não de modo surpreendente, mas discreto, respeitando a liberdade do ser humano e, ao mesmo tempo, possuindo um poder automático próprio, capaz de produzir resultados exaltantes, a partir de começos pequenos e insignificantes. Um poder “dentro” das coisas, como o do fermento na massa.

Foi dito, com razão, que Jesus Cristo é o Reino em pessoa. O reino não se iguala à Igreja, que é as primícias e uma antecipação dele, mas ultrapassa todas as fronteiras culturais e religiosas. Por isso, é preciso rezar, celebrá-lo na antecipação da eucaristia,

testemunhá-lo com uma vida coerente com o Evangelho.

No pai-nosso, abundam os imperativos passivos divinos: é Deus quem tem o papel principal de **santificar o seu nome**, de **fazer vir o seu Reino**, de fazer cumprir a sua **vontade**, assim na terra como no céu.

A vontade de Deus não representa uma heteronomia que mata a liberdade do ser humano, mas uma teonomia amante do ser humano, que floresce dentro dele como vida e luz. Ela propõe ao ser humano os requisitos mínimos para permanecer na liberdade e na vida que Deus lhe proporcionou com a criação e a libertação da escravidão do Egito. A vontade de Deus é universal e salvífica. Ela assume e fundamenta, conserva e faz crescer a liberdade do ser humano.

Três bens sociais

O mal existe no mundo e não pode ser negado nem explicado. Nem Jesus o fez, ele que também o assumiu até o fim, derrotando-o na cruz. Cada um deve vigiar os seus próprios comportamentos que tendem ao mal, porque Deus não renuncia ao julgamento sobre o agir humano.

O certo é que Cristo venceu o mal, e dá ao fiel a possibilidade de viver uma vida no amor. Porém, não será uma vida isenta da tentação do mal, nem das provações que permitem o crescimento do ser humano na sua liberdade e maturidade completa.

A libertação do mal e do **não abandono na tentação**, serão o último pedido do pai-nosso. Os outros dois que precedem esse pedido dizem respeito às necessidades sociais do ser humano.

O primeiro é a do **pão para viver** com dignidade todos os dias. Pão, também, no amanhã, confiado à **hospitalidade** e talvez, também, o pão supersubstancial que alude à eucaristia. O ser humano pede pão a Deus, mas nem por isso deixa de se comprometer com um trabalho digno e com a solidariedade de o partilhar com as pessoas e com os continentes em dificuldade e empobrecidos pela malvadez organizada dos poderes fortes.

Uma necessidade pessoal e social forte é a do **perdão**. É preciso pedi-lo a Deus, é preciso estar disponível para o conceder ao próximo. Os dois perdões estão ligados. O perdão é uma nova criação possível somente a Deus e ao seu Santo Espírito. Desse modo, a vítima, o homem e a mulher feridos pelo mal, recebem, na oração, a possibilidade de não permanecerem para sempre prisioneiros do ódio, da amargura, mas de chegarem a vencer o mal com o bem, recuperando a serenidade e rompendo, dessa forma, o círculo vicioso que só multiplica a violência, talvez até legalizada. O perdão pacífico, embora não excluindo o justo curso da justiça humana. Deus criou-nos sem nós, mas não nos redime sem nós. No pai-nosso, a principal obra pedida ao Pai não exclui a participação ativa da pessoa fiel e de todas as pessoas de boa vontade na edificação do reino de Deus, que é sempre um dom divino.

O mundo está cheio de tentações do mal e, também, de provações que permitem o crescimento da pessoa na sua maturação. E tentações não só, nem sobretudo, sexuais; há as muito piores, afirma Kasper. As tentações contra o amor ao próximo, o facto de buscar habilmente a

própria vantagem, de fazer com que, quem nos enganou, pague bem caro, a tentação de vivermos bem e de fazer os outros viverem mal, de promover o mexerico, o abuso de poder, as grandes tentações do dinheiro etc.

“Não tem de ser, necessariamente, Deus a induzir-nos a todas estas tentações; todos nós já estamos embebidos nelas” (p. 133). O fiel pede a Deus para ser protegido das tentações, que não são desejadas por Deus, para não sucumbir a elas miseravelmente. Também pede para ser guardado e sustentado nas provações, para que não se transformem em tentações.

Assim, Kasper desdobra o pedido, de difícil interpretação, que também se refere à tradução alemã “*führe uns nicht in Versuchung*” (“não nos deixeis cair em tentação”): “Fazei com que, para nós, que somos fracos, essas tentações, entendidas no sentido de provações, não se tornem tentações do mal. Guiai-nos e protegei-nos da tentação, não permitais que caiamos na tentação” (p. 138).

Por fim, não se pense que o mal, o maligno, o diabo, já não existe, e a oração para sermos dele libertados, inclui os três aspetos como se apresenta no mundo. O diabo tem a estrutura de um ser, como os seres livres. Hesitamos com razão – continua Kasper – em reconhecer ao diabo a dignidade de pessoa e acrescenta: “Joseph Ratzinger acerta em cheio, ao afirmar que o diabo é uma pessoa em degradação, a caricatura e a perversão de uma pessoa. Ele tem em si como que uma careta, uma loucura e, na realidade, é louco” (p. 140).

Na cruz, Jesus assumiu a totalidade

do mal feito e sofrido pelos seres humanos, vencendo-o com o amor, a sua oblação generosa e onerosa, a ressurreição, a efusão/entrega do Espírito Santo.

Embora não seja mencionada por Kasper, acho que a oração de libertação da tentação também pode ter uma notação escatológica e, portanto, também pode referir-se à trágica possibilidade de cair na tentação decisiva e última da perda da fé. Há quem afirme que o pai-nosso é uma oração escatológica, que deve ser rezada muito poucas vezes, não de forma devocional, mas com referência à máxima seriedade do momento escatológico...

Para meditar e rezar

O pai-nosso apresenta-se, portanto, como uma oração revolucionária, capaz de derrotar o delírio de onipotência do ser humano, de subverter os critérios mundanos de vida consolidados, de vencer o mal que cerca o coração do ser humano, de infundir esperança certa de que o mal pode ser vencido em Jesus, e de que a vida de Deus, Pai bom de todos os seus filhos, pode reinar no mundo. Convida-nos e dá-nos a força necessária para cuidar e assumir a responsabilidade de todos os irmãos e irmãs que surgem à face da terra.

Este livro de Kasper sobre o pai-nosso **é útil para a meditação e para a oração**. Faz com que regressemos ao essencial, e, sobretudo, com que não nos sintamos onipotentes, mas, pelo contrário, dependentes de uma **graça original** proveniente de um Pai que nos ama, nos protege e deseja a vida plena para cada um dos seus filhos e filhas.